A URBE

• Por uma cidade para todas as pessoas •

ARARANGUÁ, 1 DE MAIO DE 2013 | www.aurbe.net

Matéria Especial | Dia do Trabalho • Elisa Slovinski (p. 10)

A URBE é o Jornal Cultural da cidade de Araranguá, impresso pela Gráfica Soller.
Fundado em 01/05/2013

TIRAGEM
2 MIL EXEMPLARES

COLUNISTAS
Carlos Zanini
Diana Lopes
Diego Lopes
Elisa Slovinski
Rafael Reinehr
Iris Gonçalves Martins
Joel Grigolo
João Cechinel
Lilian Berdusco
Luiz Carlos Sette
Solange Cachoeira
Vanessa Irizaga
Vitor Gomes
Vertov
Werther Serralheiro

PROJETO GRÁFICO
Diego Lopes

COLABORADORES
José Pacheco
Tadeu Santos

Estes princípios poderão ser lidos a qualquer tempo em nosso website, no endereço *http://aurbe.net/carta-de-principios*, foram aprovados por consenso pelos membros fundadores do jornal e pode ser revisto e melhorado se, futuramente, surgirem mudanças que nos direcionem para tal. O jornal não trabalha com censura, mas busca garantir que os princípios aqui estabelecidos sejam seguidos por quem deseja expressar sua opinião no **A URBE.**

Seja você também um colaborador do Jornal A Urbe!

Envie seus textos, artigos, entrevistas, crônicas, fotos, poesias, e sugestões para ***seujornal@aurbe.net***

CARTA DE PRINCIPIOS

O que somos e porquê somos

"Nós desejamos a liberdade e o bem-estar de todos os homens, de todos sem exceção. Queremos que cada ser humano possa se desenvolver e viver do modo mais feliz possível. E acreditamos que esta liberdade e este bem-estar não poderão ser dados por um homem ou por um partido, mas todos deverão descobrir neles mesmos suas condições, e conquistá-las. Consideramos que somente a mais completa aplicação do princípio da solidariedade pode destruir a guerra, a opressão e a exploração, e a solidariedade só pode nascer do livre acordo, da harmonização espontânea e desejada de todos os interessados."

ERRICO MALATESTA

A Urbe é um jornal essencialmente socialista, libertário e antipartidário, não entendemos como válida a criação artificial de "lados" que gerem vencedores e vencidos; ao mesmo tempo, defendemos e valorizamos a liberdade de opinião, respeitamos a divergência de pontos de vista e promovemos o debate democrático, travado com urbanidade e gentileza;

Estimulamos o uso do jornal para a divulgação de ações que primem pelos respeito aos direitos humanos em todas as dimensões de forma a não promover exclusão, deslegitimação, intolerância, preconceito ou discriminação baseados em diferenças de etnia, raça ou cor, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, idade, nacionalidade, naturalidade, língua, costumes, credo, convicção religiosa ou ?losó?ca, cultura, situação econômica ou funcional, posição hierárquica, grau de instrução ou condição física ou psíquica;

Acreditamos que através da participação, cooperação e compartilhamento de conhecimento podemos fazer a diferença em nossas vidas, das pessoas que conosco se relacionam e no ambiente em que vivemos, e que atentando para a ética "de cada um de acordo com suas habilidades e paixões, a cada um de acordo com seus desejos e necessidades", estaremos ajudando a criar um outro mundo possível, melhor;

Não permitimos a utilização do jornal A Urbe para fazer qualquer tipo de propaganda (de produtos comerciais, de instituições privadas - sejam empresariais ou sociais - e de pessoas), excetuando-se atividades educativas e culturais que sejam gratuitas, tenham gratuidade reservada ao menos para quem não pode arcar com os custos ou permitam pagamento em sistema de escambo ou moedas complementares, de acordo com as possibilidades de quem recebe o serviço;

As ferramentas, modelos e ideias para construir um brilhante futuro para a humanidade já estão entre nós. Suas peças estão fragmentadas e espalhadas, esperando um trabalho lento, porém sistemático de agregação, síntese, compreensão e divulgação, trabalho esse do qual A Urbe se propõe a fazer parte;

Acreditamos que seja possível inclinar as pessoas à mudança através do exemplo. Se organizamos nossas vidas pessoais de forma a estar fazendo as coisas certas, estamos agindo como representantes da ideia de que ser correto e fazer o bem pode ser inteligente e o melhor que alguém pode fazer pelo mundo. Este jornal pretende publicar ideias exemplares, de como a simplicidade, a bondade e a solidariedade conseguem transformar uma realidade em outra, melhor;

Acreditamos em tecnologias sociais como forma de divulgação, compartilhamento e apropriação de ideias para mudar o mundo em que vivemos para melhor. E neste sentido, A Urbe promoverá a construção, realizará a divulgação, fomentará o debate e chamará os leitores para a participação de toda tecnologia social que esteja par e passo com os princípios que regem o jornal.

O espaço do jornal A Urbe é essencialmente aberto a toda comunidade ararangüaense, mas não restrito a esta: se houver algum assunto, tema ou conteúdo que possa ser relevante à nossa comunidade, ele é bem-vindo. Assuntos globais de interesse local, bem como assuntos locais de interesse global são sempre estimulados;

A Urbe é um jornal com um posicionamento político orientado à transformação social e, portanto, será apoiada e mantida por aqueles que, como nós, entenderem que podemos ser os atores de nossa próprias vidas e é válida a luta por um mundo mais justo, eqüânime, convivial, solidário, sustentável, harmônico e feliz.

Acreditamos em um jornal e uma sociedade construída de baixo para cima, sem hierarquias, dominação e opressão; para que isso funcione na prática, estimulamos e acolhemos a participação de todos na construção coletiva e autogerida do jornal; queremos não somente a voz de quem está acostumado e gosta de escrever, mas também daquelas pessoas que tem a voz sufocada pela rotina do trabalho e do cotidiano; queremos entrar nas casas e ocupar as ruas, e para isso lhe convidamos a unir-se a nós: vamos juntos?

1 de Maio de 2013, Araranguá

O Jornal A Urbe não publica publicidade nem qualquer tipo de anúncio comercial pago. Desta forma, esperamos manter a integridade e a imparcialidade das informações publicadas, a qualquer tempo.

Para que o jornal possa se manter gratuito para muitos que não podem pagar para ter acesso a ele, criamos uma forma de apoio chamada **Assinatura Solidária**, em que você escolhe um valor de contribuição mensal que seja acessivel (2, 5, 10, 50 reais) de acordo com suas capacidades econômicas, e passa a ser um apoiador tanto da Cultura como da notícia isenta em nossa cidade.

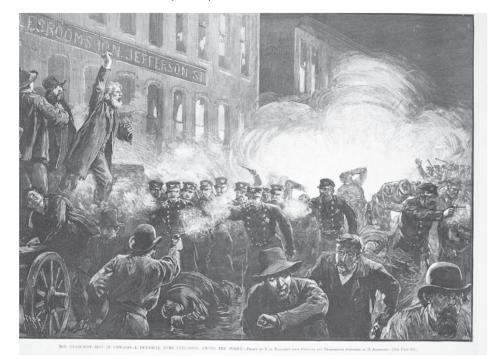
Para começar a Colaborar, entre em contato pelo e-mail ***euapoio@aurbe.net***, que vamos até você!

"O primeiro dever do homem em sociedade he de ser util aos membros della; e cada um deve, segundo suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em beneficio da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O individuo, que abrange o bem geral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais disticto della: as luzes, que elle espalba, tiram das trevas, ou da illuzão, aquelles, que a ignorancia precipitou no labyrintho da apathia, da inepcia, e do engano. Ninguem mais util pois do que aquelle que se destina mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do fucturo. Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de uma censura adequada, represêntam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e as soldidas conjecturas sobre o fucturo..."

Editorial da Primeira Edição d'O Correio Braziliense, o primeiro jornal do país, editado, de Londres, por Hipólito José da Costa e enviado clandestinamente ao Brasil

Uma Outra Aldeia Possível - Rafael Reinehr

UMA OUTRA ALDEIA POSSÍVEL

Minúsculas soluções para um mundo melhor

Revolta de Haymarket, em Chicago, 4 de Maio de 1886 - momento histórico associado ao Primeiro de Maio

Tolstoi, escritor, pensador e anarcopacifista russo, uma vez disse: "*Se queres ser universal, começa por cantar a tua aldeia*". Com isso, ele nos lembrava que, para mudar o mundo, temos que começar com o nosso ambiente imediato, com a nossa comunidade, com nossa cidade, com nossa urbe. Ele também disse: *"Cada um pensa em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo"*. Mais uma vez, a lembrança de que devemos, como também dizia Gandhi, ser a mudança que queremos ver no mundo.

Este pequeno espaço com o qual fui agraciado neste jornal, A Urbe, tratará de cantar nossa pequena aldeia de Araranguá, no extremo sul catarinense, molécula infinitesimal de um planeta, de uma galáxia, de um Universo tão grande que costumamos chamamos de "infinito". Vai tentar cantar a saga de uma espécie, sempre em luta consigo mesma atrás daquilo que lhe define: a sua "humanidade".

Em nossa história, perdemos o rumo desta por várias vezes: incontáveis guerras, inquisição, Holocausto, Nagasaki, crises econômicas geradas a partir da ganância deste homem, lobo de si mesmo. E continuamos perdidos. Perdidos em ondas de hiperconsumo para aliviar o vazio dos nossos dias, que tem suas horas preenchidas por trabalhos dos quais não gostamos ou por horas tentando ludibriar o "sistema" que nos encarcera. Dizia também Tolstoi, que "Não existe grandeza onde não há simplicidade, bondade e verdade." E esta será a tônica desta coluna: encontrar, nas realizações humanas, aquelas que são permeadas pelo seu gênio criativo mas pautadas pelos sentimentos de cooperação, compartilhamento, convivialidade, solidariedade, justiça, equanimidade e busca do Bem Comum. Não nos interessarão iniciativas e maus exemplos: estes estão presentes dia a dia na mídia tradicional e em todas as instâncias do nosso viver. Parece que estão por lá para nos confundir e nos fazer esquecer dos maravilhosos exemplos de como é possível viver em uma sociedade harmônica e interdependente, na qual todos realmente possam dar as mãos e trabalhar juntos pelo bem de todos.

E é justamente por isto que escolhemos esta data – Primeiro de Maio – para iniciar esta jornada com nossa comunidade. O Primeiro de Maio é uma data histórica para o socialismo, para a luta por um mundo mais igual e livre para todos.

Reconhecendo como fato que *"Quase todos os esforços humanos se dirigem não à diminuição da carga do trabalhador, mas a tornar mais agradável o ócio dos que já vivem em lazer"* e que *"Os ricos farão de tudo pelos pobres, menos descer de suas costas"*, estarei aqui para lembrar, a cada nova edição, que o gênio humano já criou as condições de comunicação necessárias para que possamos subverter esta realidade. Ainda somos ilhas, estamos aprendendo a criar pontes entre nós. Mas estamos aprendendo rapidamente, e os próximos anos irão demonstrar isto com precisão, à medida que os resultados das nossas conexões se tornarem visíveis.

Para que os homens possam viver a vida comum sem oprimir-se mutuamente, não necessitam das instituições sustentadas pela força, mas sim de um estado moral dos homens, no qual, por convicção interior, e não por força, procedam com os outros como querem que os outros procedam com eles". Eis o clássico limitador da liberdade absoluta, entendido sob a ótica anarquista mutualista: sempre haverá conflito entre a liberdade de um indivíduo e de uma sociedade, isto é um fato e com ele precisamos aprender a conviver. Tão melhor tenhamos aprendido, maior será o grau de harmonia social de uma comunidade. E isso somente se consegue se todos tiverem uma voz igual, forem capazes de expressar suas alegrias e suas insatisfações, se todos puderem ouvir e avaliar o que seu vizinho e o morador distante tem a dizer.

Quer juntar-se a esta aventura? Que tipo de futuro você criará? Vamos juntos?

Precisamos ouvir não somente aos políticos, que pretendem nos representar mas historicamente tem falhado nesta tarefa, mas àqueles que realmente representam nossa comunidade, no trabalho e na vida cotidiana: nossos pescadores, professores, comerciantes, profissionais da saúde, da beleza, da limpeza urbana, agricultores, aposentados de todas as áreas, profissionais liberais, autônomos, ambulantes e, porquê não, vagabundos e desvairados, que também querem ter seu espaço na sociedade.

Conviver em sociedade não é uma tarefa simples, e buscar atender às necessidades e desejos de uma comunidade, algo que ainda precisamos desvendar melhores formas de planejar e executar. E é justamente esta jornada, a de investigar e propor minúsculas soluções para um mundo melhor, que nos propomos a fazer nesta coluna.

"Nossos pés deixam pegadas na areia do tempo. Se estivermos no caminho errado, muitos nos seguirão, desviando-se do que é correto. Quando pensamos que uma ação é só por aquele momento e esquecemos que ela deixa um rastro atrás de si, não estamos sendo responsáveis.

Todas as nossas ações afetam os seres humanos, dando-lhes alívio ou tristeza. Podemos fortalecê-los ou não. Podemos causar ferimentos ou curas. Podemos gerar conflitos ou resolvê-los. Podemos criar cataclismas ou algo nobre para a sociedade." B.K.Jagdish

Rafael Reinehr é cidadão araranguaense há 6 anos, e acredita na capacidade do ser humano em limpar a própria bagunça. Sabe que nunca paramos de aprender, e compartilha um pouco de si em http:// reinehr.org e um outro tanto em http://coolmeia.org

"Para que os homens possam viver a vida comum sem oprimir-se mutuamente, não necessitam das instituições sustentadas pela força, mas sim de um estado moral dos homens, no qual, por convicção interior, e não por força, procedam com os outros como querem que os outros procedam com eles". (Tolstoi)

CONTATO "UMA OUTRA ALDEIA É POSSÍVEL"

Se você tem boas ideias e sugestões sobre como podemos melhorar nossa cidade e torná-la boa para todos, envie-as para **aldeia@aurbe.net**

ESTAMOS ATENTOS!

Se você, morador de Araranguá, deseja denunciar descuidos com algo que é público, de todos, envie uma foto e um texto para nossa próxima edição: **estamosatentos@aurbe.net**

(Confira "Estamos Atentos" na página 15)

Coluna Sette | Luiz Carlos Sette

NÃO FOTOGRAFOU? ENTÃO, DANÇOU!

Eu também não aguento mais o Caso Feliciano, mas se ele fosse só pastor eu nem entraria no tema. O problema é que ele é Deputado Federal, nosso representante e mais um recebendo salário milionário e vantagens principescas para, em tese, legislar por nós, zelar pelo nosso bem estar. Mas o cara é um tremendo de um mentiroso. Isso é muito preocupante. No caso do Caetano, o pastor referiu-se à regravação da música "Sozinho", de Peninha que nas gravações de Sandra Sá e Tim Maia que não teria feito muito sucesso, mas sob a voz e violão de Veloso, teria vendido 1 milhão de cópias. Segundo o deputado-pastor, o sucesso veio através de um "pacto com o Diabo", no caso representado por Mãe Menininha, importante personagem do culto afro baiano, com quem Caetano teria se avistado e recebido uma espécie de "benção". O mesmo Feliciano citou uma entrevista do próprio Caetano como fonte de sua informação.

Acontece que, primeiro, tal entrevista nunca existiu e, segundo, Mãe Menininha já estava morta há 10 anos, quando Caetano gravou a música.

Como se não bastasse o ataque a Caetano Veloso, quem é ele para dizer que foi Deus que "mandou matar" Os Mamonas e John Lennon porque "debocharam de Deus". Por que ele não fala do processo de estelionato no qual ele deixou milhares de evangélicos gaúchos de São Gabriel em 2008 a espera, embolsou uma grana violenta e mentiu, dizendo que estava doente. (Fonte: http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-03-07/pastor-marco-feliciano-responde-a-acao-por-estelionato-no-stf.html). A organizadora do evento ligou para todos Hospitais do Rio e provou que era mentira, dado também pela presença dele em outro evento gospel que pagava melhor. Gente do céu, mentiroso e... ladrão?! Isso aí, pastor? Isso aí, Deputado?!

A questão da verdade tornou-se algo muito sério após o advento da Internet. A rede é uma poderosa multiplicadora de cultura e tolice, a segunda com muito mais volume e velocidade de expansão do que primeira, infelizmente. Citações atribuídas a quem nunca as disse chovem torrencialmente 24 horas por dia, graças o engenhoso copicola. As pessoas simplesmente as repassam sem nenhum filamento de espírito crítico sobre a fonte da informação. Arnaldo Jabor, por exemplo, já se cansou de dizer que 90 % dos textos a ele atribuídos são falsos. Isso sem falar de notáveis falecidos, como Luther King, J. F. Kennedy e tantos outros. Parece que o cidadão médio se sente chique fingindo ser culto. A coisa fica pior ante frases atribuídas a Platão, Sócrates e outros clássicos. Olha que procurar uma frase solta na obra desses filósofos não é tarefa fácil. O resultado de tudo isso é que mentira se cristaliza até virar uma verdade não verificada.

Fé, caros leitores, é uma ferramenta da religião. Aplica-se a Deus, Cristo, Buda, ou seja, algo que escapa à razão humana. O ser humano não é digno de fé. Todas suas obras, palavras e feitos em geral precisam ser verificados através dos filtros rigorosos e exigentes da razão. Um antigo comercial muito bem dizia: "Não fotografou, então dançou!". Assim devemos agir com toda informação que nos chega: não provou? Então é mentira até prova em contrário.

Nota: após o fechamento da coluna, em notícia publicada hoje no Diário de Guarulhos soubemos que Hidelbrando Alves, pai de Dino dos Mamonas, entrou com uma ação por danos morais contra Marco Feliciano.

O autor tem 55 anos, nascido em São Paulo, radicado em Araranguá há 12 anos. Médico Gastroenterologista e Perito, músico clássico, autor e colaborador em blogs. Trabalhou como Editor de uma revista médica durante 10 anos. Membro da Liga Humanista Secular e da Skeptical Society, interessa-se pela cultura humana e pela busca incessante da verdade na Ciência e da beleza na Arte.

Artigo | Tadêu Santos

ARARANGUÁ DIZ NÃO À EXPLORAÇÃO DO CARVÃO MINERAL EM SEU TERRITÓRIO, MAS O PODEROSO LOBBY DAS MINERADORAS INSISTE...

Está mais que comprovado que o processo da queima de combustíveis fósseis para geração de energia é a fonte mais degradante, suja e poluente de todas as existentes, portanto, está totalmente na contramão da história depois do advento das fontes limpas e renováveis.

Tentarei neste texto fazer um breve histórico da atividade carbonífera iniciada no século XX na região de Criciúma, de certa forma já mostrado no livro "MEMÓRIA E CULTURA DO CARVÃO EM SANTA CATARINA: IMPACTOS SOCIAIS E AMBIENTAIS" (Coletânea composta por outros escritores), quando eu e minha filha Juliana Vamerlati Santos Ramos escrevemos o capítulo "UM OLHAR SOCIOAMBIENTAL SOBRE OS IMPACTOS QUE A MINERAÇÃO DO CARVÃO CAUSA EM NOSSAS VIDAS".

A região sul de Santa Catarina é a maior exploradora deste minério no Brasil, apesar da maior reserva estar no Rio Grande do Sul e o carvão catarinense ser considerado ruim, com baixo teor calorífico e alto índice de cinzas na sua composição.

O decreto federal nº 85.206/1980 enquadra a região carbonífera de Criciúma como uma das 14 áreas mais poluídas do país, considerando os danos ambientais causados aos recursos naturais, principalmente os hídricos, mas com sérios comprometimentos na qualidade do solo, da flora e do ar durante o processo que inicia na extração, passando pelo beneficiamento e concluindo com a queima.

A Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá é, sem dúvida alguma, a mais poluída do Brasil por resíduos piritosos do carvão, quando apontamos o lado norte que contempla o Rio Mãe Luzia e seus formadores, todos com alto índice de acidez resultante do baixo pH. Não se pode desconsiderar a poluição na bacia do Rio Tubarão e do Urussanga, principalmente do Rio Carvão.

A gravidade do caos ecológico no lado norte da bacia levou o governo estadual a construir uma barragem de R$ 60 milhões para abastecer a população de Criciúma e pequenos municípios da região, pois ninguém bebe água de mina ou pior ainda, nenhum micro-organismo consegue sobreviver com tanta acidez.

Uma sentença condenando as mineradoras foi assinada em 2000 pelo então juiz federal de Criciúma,

Paulo Afonso Brum Vaz, que inclusive utilizava minhas fotos dos lagos ácidos e das planícies lunares para exibir em suas palestras. Um Termo de Ajuste de Condutas (TAC) promovido pela Justiça Federal e o MPF quando era para exigir e fiscalizar o cumprimento da sentença para uma recuperação ambiental eficiente e confiável, não o faz de forma satisfatória, pois o pH da água do Rio Araranguá continua intolerável e o prazo foi prorrogado duas vezes, sendo que a última prorrogação esticou até 2020.

Outra ação judicial foi promovida pelo Procurador da República Celso Três do MPF de Tubarão, resultou na condenação da multinacional Tracttebel/ Suez, proprietária do Complexo Jorge Lacerda com capacidade instalada de 857MW, localizado em Capivari de Baixo, pelo mal causado à saúde pública, especificamente doenças respiratórias da população que vive próximo a usina.

Um comitê gestor chegou a ser criado pelo governo federal e estadual para tentar ajudar as mineradoras (já que a CSN quando condenada era estatal) e a FATMA pela omissão na fiscalização. Muita grana governamental foi destinada a recuperação ambiental, mas nada de fato foi aplicado no meio ambiente. A coisa toda era tão irregular que o comitê foi extinto para tampar as falcatruas.

Em 2002 foi instalado o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, do qual fui um dos maiores motivadores, tanto que assumi a primeira presidência por aclamação das 45 entidades formadas por órgãos governamentais, usuárias da água e da sociedade civil. Baseado na Lei nº 9.433/97 congrega todos os setores, inclusive o da mineração do carvão, mas pouco tem avançado na disciplina do adequado uso da água.

O setor carbonífero reclama que não tem recursos para investir na recuperação do passivo ambiental que a atividade deixa por onde passa, mas tenta instalar a USITESC 440MW, uma térmica em Treviso/SC de quase um bilhão de reais, com uma licença ambiental concedida irregularmente pela FATMA, sem nenhuma contestação do MPF. Até muito pelo contrário, concordaram com o empreendedor, tanto que não atenderam nossos alertas e comprovadas denúncias de irregularidades durante o processo de licenciamento.

Não fosse a portaria 498 do MME impedindo que as térmicas a carvão participassem do leilão da ANEEL de 2011, a usina já estaria sendo construída para queimar o combustível fóssil extraído dos subterrâneos da planície localizada entre a Serra Geral e o Oceano Atlântico. Esta portaria atende os compromissos internacionais adotados pelo Brasil para a redução de emissões de gases efeito estufa, tipo o CO^2. Porém, a matriz energética brasileira ainda permite a queima do carvão mineral para geração elétrica, daí a razão de nós da Sócios da Natureza estarmos sempre atentos nas "raras oportunidades" de combatermos esta fonte não renovável, como estar no CONAMA, por exemplo, bem próximo do poder de forma independente, mas respeitada!

Além do comprometimento dos recursos naturais, a atividade carbonífera é maldosa com o trabalhador mineiro, pois o ambiente de trabalho além de ser inseguro e perigoso, é totalmente insalubre, provocando doenças pulmonares incuráveis como a do pulmão negro pneumonoconiose, que aposenta o mineiro precocemente aos 15 anos de serviço, ou seja, um reconhecimento do Estado para com a degradação humana, pra não dizer uma certa espécie de escravidão econômica e social, talvez mais violenta que a dos moldes da era colonial.

A primeira resistência de uma comunidade contra a mineração ocorreu na localidade do Morro Estevão e Albino, em Criciúma, na década de 1990, quando um movimento liderado por agricultores e apoiado por um promotor de justiça do MPE conseguiu criar uma APA em uma Área de Preservação Permanente. Sabe-se, no entanto, que no passado as mineradoras enxotavam os colonos de suas terras com ameaças, fazendo-os negociarem suas terras na marra para que a mineração avançasse.

A mais conturbada resistência ocorreu na localidade rural de Santa Cruz, no município de Içara, iniciada em 2002 na apresentação do EIA-RIMA em uma audiência pública, onde os colonos ficaram espantados com a possibilidade de perderem suas produtivas terras pelo comprometimento dos cursos d'água na manutenção da agricultura. A mineradora Rio Deserto conseguiu obter o licenciamento ambiental e o caso ainda está indefinido. Outra situação de comprovado impacto é na comunidade rural de São Roque no município de Forquilhinha, onde as moradias apresentam rachaduras e os lagos secaram em consequência das explosões da mineradora Coperminas.

A criação em 1980 de um movimento ecológico, denominado de Sócios da Natureza, foi exclusivamente para combater a poluição das águas de minas que estavam matando os peixes do Rio Araranguá. Em 1995, um outro grupo assumiu com atitudes mais de enfrentamento direto contra qualquer atividade comprovadamente poluente, agora sob a denominação de ONG Sócios da Natureza, inclusive com registro em cartório de pessoa jurídica.

O combate a poluição do carvão é uma característica conquistada pela ONGSN, com diversas ações, publicações e participação em missões, de âmbito local, estadual, nacional e internacional que podem ser conferidas no www.sociosnatureza.blogspot.com e www.tadeusantos.blogspot.com Naturalmente é bom lembrar que esta luta em defesa do meio ambiente e por uma melhor qualidade de vida para a população é estritamente de forma voluntária, mesmo com as dificuldades que surgem para manter a dinâmica da entidade, além de contornar as constantes represálias e ameaças.

Quando o vereador Eduardo Chico Merencio decidiu criar uma lei proibindo a instalação de minas de carvão em Araranguá, fomos os primeiros parceiros da sua proposta que veio a ser aprovada no Poder Legislativo e sancionada pelo Executivo, sob o número 76/2009, sem nenhuma contestação. Para solidificar ainda mais, o vereador conseguiu convencer o Poder Público Municipal a incluir a rejeição na Lei Orgânica do Município de Araranguá.

Registrando ainda que a mineração do carvão não é bem vista em Araranguá, primeiro porque inutilizou o caudaloso Rio Araranguá que possibilitava na pesca a complementação da escassa ceia alimentar de famílias carentes e que há muito tempo impossibilita a captação de água para o abastecimento público ou para qualquer empreendimento que dependa de água potável, ou seja,

não é apenas um problema ambiental, mas social e econômico também.

Outras formas de resistência a famigerada atividade carbonífera está manifestada em várias outras esferas conquistadas pelo coletivo araranguaense destacando o COAMA (do qual estou como presidente), nas diretrizes do Plano Diretor e suas leis complementares como o Código Ambiental que, por conseguinte, aplicam o direito constitucional do princípio da prevenção e da precaução.

O SIECESC entrou com uma ADIN para derrubar a lei municipal e ganhou com o argumento que seu teor viola o disposto no artigo 112, I da Constituição Estadual, bem como fere os princípios da proporcionalidade, da razoabilidade e da livre iniciativa (artigos 1º e 4º da Constituição Estadual) e que pela Constituição Brasileira, somente a União tem competência para legislar sobre "jazidas, minas e outros recursos minerais e metalurgia" (art. 22, inciso XII, CF). Nós concordamos e respeitamos, porém quando se trata de segurança nacional ou de interesse coletivo, não para favorecer interesses privados e degradadores, não para colocar em risco os lençóis freáticos e aquíferos do município, não para promover prejuízo à biodiversidade, não para promover caos ecológico e insustentabilidade ambiental! A Procuradoria Jurídica Municipal de Araranguá está tentando recorrer à Brasília (3ª instância) para discutir o conflito longe das esferas estaduais, isto se o Tribunal de Justiça de Florianópolis concordar, já que a votação dos desembargadores foi 22 x 0 a favor do carvão, mas em último caso pode recorrer utilizando o recurso com agravo.

No nosso entender deveria primeiro argumentar que o Município de Araranguá tem a FAMA, que é um órgão licenciador e fiscalizador, tanto quanto a FATMA e o IBAMA, todos pertencentes ao SISNAMA. Portanto, com condições de fazer exigências para proteger os ecossistemas araranguaenses e, segundo, para defender a vontade soberana da população de Araranguá, que definitivamente não quer minas de carvão em seu território, seja ela na superfície ou no subsolo!

Tadêu Santos, casado, pai de dois filhos, um formado em Cinema e outro em História. Nasceu em Praia Grande/SC, mas honrosamente é Cidadão Araranguaense em título concedido em 2004 pelo Poder Legislativo. Integrante da ONG Sócios da Natureza, presidente do COAMA e atualmente é Conselheiro do CONAMA como representante dos estados do PR, SC e RS. É um dos autores do livro MEMÓRIA E CULTURA DO CARVÃO EM SANTA CATARINA.

Odisséia no Cinema | Diego Lopes

A ARTE DA MANIPULAÇÃO

A linha tênue entre manipulação e mágica

Não é exagero afirmar que o cinema é manipulativo, mas seria bobagem considerar isso um defeito - essa é a sua mágica. Todo filme quer nos fazer sentir algo, por bem ou por mal. Mas antes de começar, vale nota: vou discorrer sobre alguns diretores e alguns de seus filmes para facilitar o entendimento, mas aviso desde já que este assunto será recorrente na coluna de cinema, pois ainda existem muitos pontos a se discutir e muitos diretores cujas obras merecem discussões. Garanto que tanto autores quanto obras ganharão colunas inteiras para si no futuro. Dito isso, seguimos.

A tendência de um filme de gênero é nos entregar o que esperamos, logo, comédia é para rir, drama é para chorar, terror é para assustar. Porém, assim como todo bom mágico sabe, o truque não tem efeito se percebermos o segredo. Atuações ruins, músicas distoantes, efeitos ruins (ou mal utilizados) e até o próprio clima do filme formam uma realidade alternativa que pode nos envolver profundamente ou não. O clima Trash de A Morte do Demônio, de Sam Raimi, nos diverte e assusta mesmo com os efeitos caseiros de baixo orçamento por manter aquela realidade em toda a projeção, assim como as atuações duras dos astronautas de 2001 - Uma Odisseia no Espaço tem um propósito metafórico. O mestre Steven Spielberg no recente Cavalo de Guerra erra a mão e esquece de convencer o espectador, confiando mais em sua reputação do que em seu talento. O homem que fez o mundo temer o mar com Tubarão e vibrar com as fugas do aventureiro Indiana Jones exagera em quase todas as cenas, usando a trilha sonora escessivamente melosa de seu compositor preferencial, John Williams, sempre que a cena deve ser "emocionante" e abusando de coincidências para fazer a história dar certo (ele veio a cometer alguns destes mesmos erros no recente Lincoln). É regra básica de roteiro: usar coincidências para colocar o personagem em apuros é legal; usá-las para tirá-lo de apuros é trapaça.

Por outro lado o diretor já havia provado seu talento ao criar suspense em Jurassic Park, usando um efeito semelhante ao de Tubarão - esconder a criatura. Quem viu o filme na sua época de lançamento em 1993 deve lembrar da emoção de ver um gigantesco (e relativamente inofensivo) dinossauro herbívoro de pescoço alongado em realismo surpreendente para a época, numa condução de emoções maestral. Ao mesmo tempo, grades arrebentadas, placas destruídas e copos tremendo são elementos que constroem um clima de suspense insuportável, isso antes de realmente vermos os ameaçadores carnívoros. Mas de Spielberg todos já ouvimos falar muito, inclusive, há quem diga que não há uma pessoa no mundo que não tenha visto pelo menos um filme seu (o que, se pararmos para pensar, é bastante).

O diretor nos provoca através de seu personagem: "Perder a sua vida às vezes pode ser divertido."

Outro belíssimo exemplo de direção é O Segredo Dos Seus Olhos do argentino Juan José Campanella, um dos melhores filmes dos últimos tempos. Cheio de sutilezas, olhares e sentimentos, nossos olhos tendem a se encher de lágrimas no decorrer do filme, não por aspectos técnicos maravilhosos (a produção custou cerca de 2 milhões de dólares, muito pouco para os padrões hollywoodianos), mas sim porque nossa reação diante das situações e atitudes de seus personagens dizem mais sobre nós mesmos do que sobre o próprio filme. A atenção aos detalhes contribui muito ao realismo e nossa identificação com o clima das situações, seja de perigo ou fascínio. Por exemplo, quando o personagem principal puxa determinada personagem pelo braço e um botão de sua blusa estoura, o detalhe aparentemente insignificante se mostra crucial à uma revelação clímax na cena seguinte. Mas meu exemplo preferido dentro deste filme maravilhoso é sua conclusão, que fecha o arco dramático com poesia e nos faz completar a história com nossa própria bagagem de vida, pois não é a obra que responde as perguntas, somos nós.

Em minha experiência prévia como balconista de videolocadora, tive o prazer de colocar na mão de pelo menos cinco bons clientes O Segredo de Seus Olhos, impedindo que estes levassem para casa mais uma adaptação de um livro do Nicholas Sparks ou uma comédia do Adam Sandler que esqueceriam dali duas semanas - e que sem dúvida, foram dois sucessos de bilheteria com elenco caríssimo. Mas divago. O leitor vai perceber ao ler minhas colunas que (a) Odeio Adam Sandler e suas comédias grosseiras, (b) Defendo O Segredo de Seus Olhos como o filme sobre amor mais completo já feito e (c) Eu divago muito. É sempre importante notar como o diretor nos mostra algo e por que nos mostra de tal forma, assim estaremos sempre atentos aos menores detalhes de obras cuidadosamente construídas, à nossa percepção da realidade do filme e aos vários erros e clichês que mesmo diretores experientes cometem, tendo assim um melhor entendimento de cinema e afinando nosso julgamento.

Deixei por último o que é talvez o melhor exemplo de como os filmes nos manipulam e também uma crítica direta ao lado negativo desse efeito: o polêmico Violência Gratuita do austríaco Michael Haneke, que teve uma igualmente polêmica refilmagem quadro-a-quadro dirigida por ele mesmo dez anos depois do original. Li em algum lugar (e concordo) que os filmes do Michael Haneke sempre são instigantes e interessantes, mas assistí-los mais de uma vez é masoquismo. No terceiro ato do longa, a mulher que teve sua família atormentada por dois jovens sádicos e inteligentes (tortura que acompanhamos praticamente em tempo real) finalmente pega uma arma e atira num deles, que voa com o impacto jorrando sangue pelas paredes. Para nossa surpresa, o jovem sobrevivente a nocauteia e diz: "Não, isso não deveria ter acontecido!". Procura desesperadamente o controle remoto da televisão e aperta o "rewind". O filme começa a rebobinar diante de nossos olhos até pouco antes da atitude vingativa da moça, permitindo assim que ele a impeça de reagir e continue a tortura.

Por que nos importamos com o destino da bela família americana se tudo não passa de um filme?

A cena é irritante e frustrante. Mas isso nos leva a questionar os "por quês": seria então a violência aceitável quando vem à nosso favor? Ou estamos muito acostumados a ver problemas dos filmes sendo resolvidos com tiros? A vingança não é reprovável quando se mostra catártica? Ou indo além, por que nos importamos com o destino da bela família americana se tudo não passa de um filme? Simples. Em certo momento, um dos jovens olha para a câmera, para nós, e pergunta se estamos do lado deles ou da família. Ele sabe que estamos com a família americana-caucasiana-culta e ao provocá-los, ele está nos provocando. Todo filme é uma obra de arte. Desde um Todo Mundo em Pânico à 2001 - Uma Odisseia no Espaço. Nesta primeira coluna de cinema, recomendo a você, leitor, este exercício - passe a tratar todos os filmes como obras de arte. Verá que a maioria dos filmes dizem a mesma coisa da mesma forma, mas estará atento àqueles que provam a existência de magia. Ao invés de esperar se assustar, chorar ou rir, espere surpreender-se (soa irônico, eu sei, mas faz sentido). E que os jogos comecem.

Designer e cinéfilo desde que saiu do berço. Atualmente espera o tempo certo para cursar cinema e traumatizar pessoas com filmes tristes.

FILMES QUE NÃO ME DEIXAM DORMIR

O Grito não é um filme bom. Na verdade, considerando os meus filmes de horror preferidos, é muito, muito ruim. A história é confusa, a trama é atolada de clichês (tanto de terrores orientais quanto de terrores em geral) e todos os sustos são anticlímax. Mesmo assim, essas garotas de cabelo molhado me arrepiam até a alma.

Não sei se minha alma descende de alguma criança oriental que morreu numa casa amaldiçoada (provavelmente não), mas talvez explicasse muita coisa. Sempre tive esse medo irracional e não sei por quê. É idiota, tosco e até mal feito - mas me apavora.

Como alguns tem medo de qualquer foto da menina do Exorcista (como tive por muito tempo) e outros tem pavor de extraterrestres (?), tenho pavor de meninas brancas de cabelo escorrido. E daquele barulho de arroto que elas fazem. É o cúmulo da babaquice, mas não faça isso perto de mim ou perde a amizade.

Repasse **A URBE** para quem gosta de ler!

Escreva seu nome aqui e passe adiante:

Cinema | Vanessa Irizaga

AS FACES DA MISÉRIA

Não é de hoje que a indústria do cinema volta e meia refilma produções apresentando para as novas gerações as histórias de outrora e, claro, "engordando" a conta bancária de produtores, diretores e empresários.

Às vezes, essa prática presenteia o público com histórias repaginadas que cativam as pessoas e, em outros casos, acabam em fiasco, causando estranhamento e pouco contribuindo para o cinema.

A "sensação" da vez é a refilmagem de "Os Miseráveis", filme baseado no livro do escritor Victor Hugo. A história se passa na França, época na qual o país passava por transformações no governo e havia a esperança de uma verdadeira revolução. Entre as modificações sócio-políticas da nação e os jogos de interesse, a população tentava sobreviver em meio à pobreza. A revolução, sob os ideais de "liberdade, igualdade e fraternidade", talvez trouxesse melhores condições de vida para um povo que, por muitas vezes, observava sem entender a briga e corrida pelo poder, mas que sempre sentiria na pele os efeitos de um novo grupo no comando da nação.

É nessa situação que se encontra o pobre Jean Valjean: sem dinheiro e posses, alheio ao que acontece na França e faminto. O homem, no auge do desespero, rouba um pão para saciar a fome dos sobrinhos e de sua irmã e é esse simples fato que torna sua vida um inferno.

AS VÁRIAS FORMAS DA MISÉRIA

A miséria humana. "Ah, então era sobre isso que o livro falava...". Quando minha professora do ensino médio revelou para nós o significado de tudo o que passou com os personagens da obra "Os Miseráveis", veio-me um pensamento quase instantemente: então o sentido da felicidade humana varia de pessoa para pessoa também. Foi na época do colégio que tive o privilégio de conhecer o livro e assistir ao filme homônimo. Em uma das antigas versões, Jean era interpretado pelo carismático Liam Neeson (ator principal de "A Lista de Schindler") e o inspetor Javert (por Geoffrey Rush, o capitão Barbosa de "Piratas do Caribe"). Fantine ganha vida através da loira Uma Thurman, a bela e terrível "Kill Bill" dos filmes de Tarantino. A trama conta ainda com Claire Danes no papel de Cosette, atriz já conhecida que está fazendo sucesso como a policial bipolar do seriado "Homeland".

Ser milionário, ter sucesso no emprego ou ter uma família grande e feliz: qual o significado da felicidade para você? Só citei algumas ideias na verdade, porque

é algo muito abrangente; mas seja qual for seu ideal de felicidade o certo é que, segundo estudiosos, este é o objetivo do ser humano, e ele deve lutar para alcançá-lo.

Na obra, o protagonista Jean amarga a pobreza que assola as famílias e pena para sustentar seus parentes. Depois de sair da prisão, a fuga para escapar por ter praticado um novo roubo mexe com o destino de todos à volta: a irmã Fantine, vira prostituta – o último recurso do homem, mercantilizar o próprio corpo, segundo Karl Marx. A moça precisava alimentar os filhos e toma a desesperada atitude. Uma das filhas de Fantine, Cosette, vira criada na casa de uma família. A coitada achava que o dinheiro pago pela estadia da filha faria com que a menina fosse bem tratada entre as herdeiras, mas a garotinha acaba como faxineira.

Enquanto isso, Jean acaba prosperando na vida, sendo ajudado por algumas pessoas que acabam cruzando seu caminho. Já com melhores condições de vida, o ex-maltrapilho reencontra a irmã no leito de morte e leva a sobrinha para morar em sua casa. A jovem cresce sem saber ao certo quem é aquele homem que a criou, já que Jean evita falar sobre o passado da moça e não permite a aproximação de outras pessoas. O irmão de Fantine teme que a polícia descubra onde ele atualmente reside, especialmente o inspetor de polícia Javert.

O homem forte da polícia francesa acredita que Jean é um perigoso bandido e não sossega até encontrá-lo. Enquanto Jean preocupa-se em manter a identidade secreta e passar despercebido, Cosette apaixona-se por um jovem estudante, Ma-

rius Pontmercy. O rapaz estava obsecado pelas ideias revolucionárias que culminariam na deposição do regime aboslutista. Indo de encontro à família, o moço renega até a própria herança para fazer parte do exército que tomava as ruas do país e queria a Revolução.

No fim da trama, nada é aquilo que os personagens esperavam, mas a vida talvez tenha tomado rumos melhores. A face da miséria é distinta para cada um: Jean apresentava a pobreza material; Fantine, a miséria de espírito, a moça se entregou antes de tentar lutar; o inspetor representava aqueles que, sem ter mais um sentido para a vida, não veem mais razão em existir; a família que cuidou de Cosette apresentava a miséria da ignorância e do egoísmo, pessoas sem qualquer preocupação com o próximo e apegadas ao dinheiro; Marius era sedento por um ideal, o jovem queria ter luz própria e não depender da riqueza da burguesia para prosperar.

Vanessa Irizaga é natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e é graduada em Comunicação Social/ Jornalismo pela Faculdade Satc, em Santa Catarina. Atualmente, reside em Araranguá e trabalha na Rádio Eldorado, de Criciúma, na função de produtora.

Seja você também um colaborador do Jornal A Urbe!

Envie seus textos, artigos, entrevistas, crônicas, fotos, poesias, e sugestões para ***seujornal@aurbe.net***

Poesia | João Cechinel

O POETA DOS VERSOS SIMPLES

Na edição inaugural do mais novo periódico da região Sul do Estado, a Urbe, quero apresentar aos prezados leitores uma pessoa ímpar, um verdadeiro poeta popular, que compõe suas poesias carregadas de pureza e sentimento, tendo como tema central o cotidiano pacato do interior. Trata-se do homem de sorriso largo e de simpatia contagiante chamado Ascendino Machado Monteiro. Seu fulgor poético costuma aflorar durante o silêncio da madrugada praieira, no Balneário Arroio do Silva, onde mora com a mulher, sua doce Flóscula, companheira desde sempre e, certamente, sua maior fonte inspiradora, porque o nome espanhol, difícil de ser pronunciado, significa "flor terna", florescida". Aprendiz da escola da vida e hoje beirando os 74 anos, Ascendino teve seus primeiros lampejos poéticos quando ainda era adolescente, época em que foi convidado para ser baterista e cantor naquela que foi considerada, por muito tempo, como sendo a melhor banda musical do Vale do Araranguá: Lico Nagel e seu Conjunto. O épico grupo musical, desconhecido hoje em dia, causava furor na juventude das décadas de 1950/1960, quando varava as noites de sábado e as tardes domingueiras levando a boa música regionalista aos quatro cantos da região. Não foram poucos os casais que se conheceram nos concorridos bailes, embalados pelas melodias de outrora e tocadas pelo conjunto de Nagel e Ascendino. Sempre a postos, abusando do limão com sal e vinagre para purificar as cordas vocais, levavam musica popular e alegria a todos os grandes salões de baile das redondezas, frequentados por honradas famílias e pelos irrequietos jovens daquela época de ouro. Aquilo era feito à base de muito gogó e disposição, contando apenas com modestos e limitados equipamentos de som nos palcos improvisados.

Como era difícil viver somente de música, Ascendino precisou buscar o sustento de sua família em outra atividade na comunidade de Areia Branca, Município de Timbé do Sul, onde morava. Lá se estabeleceu com uma indústria cerâmica que fabricou telhas e tijolos até tempos atrás, quando, por força de decisão governamental, teve que fechar as portas de seu negócio para permitir a construção do maior reservatório de água potável da região, a barragem do Rio do Salto. Nesse ínterim, foi vereador por seis anos no então jovem município da encosta da serra, num período em que os legisladores, embora sufragados pelo voto popular, exerciam mandato honorário, sem remuneração. Atualmente morando na praia com a mulher, continua a se dedicar à família e aos poemas de inspiração melancólica. Uma vez solicitado por este articulista para declamar alguns versos líricos, não se fez de rogado e, em voz alta, proferiu alguns deles.

Entre uma e outra demonstração, destacou um que lhe é muito caro e cujo título, **"Sentimentos da Minha Terra"** fala por si:

"Vou embora desta terra
vou com dor no coração
é grande meu sentimento
do meu querido sertão.

Por causa desta barragem
essa tal de inundação
para todos os meus amigos,
vai meu aperto de mão.

Vou embora desta terra
aqui não posso ficar
foi lugar que senti gosto
mas não pude aproveitar.

Meu coração que batia forte
vai batendo devagar
eu vou lá pra outra terra
mas não sei se vou gostar.

Há mais de quarenta anos
em Areia Branca vim morar
com esposa e quatro filhos
todos eles pra criar.

Eu montei uma cerâmica
para todos trabalhar
mas por causa dessa barragem
nós tivemos que abandonar.

Estou deixando minha terra
com meu coração ferido
perdi papai e mamãe
perdi um filho querido
Areia Branca é uma fonte
que brilha por trás dos montes
meu berço natal querido.

Eu sou filho de Meleiro
acredite quem quiser
mas nasci na Sapiranga
em meus versos dou olé.

Não tenho ouro nem prata
moro na beira da mata
estou deixando meu Timbé.

Nas ondas frias do vento
levarei meu pensamento
a todos os amigos meus.

Eu vou sem me despedir
temendo não resistir
a hora triste do adeus!"

Não são poucas as obras poéticas do autor que as recita com impressionante facilidade e eloquência de sentimento. Aliás, nem mesmo ele sabe quantas composições estão guardadas em sua memória. Por isso, e para que nada se perca, sonha em ver seus versos simples estampados numa modesta publicação, a fim de postergar esse legado de beleza literária aos que tem gosto pela poesia. Poesia simples, de coração. Assim como ele.

Cantor Profissional.
Graduado em Direito e Administração.
joao.cechinel@hotmail.com

HiFi | Carlos Zanini

O RETORNO DOS LPS

O disco de vinil, conhecido simplesmente como vinil, ou ainda Long Play (LP) é uma mídia desenvolvida no final da década de 1940 para a reprodução musical, que usa um material plástico chamado vinil, usualmente de cor preta, que registra informações de áudio, que podem ser reproduzidas através de um toca-discos.

Pois bem, gravadoras voltaram a investir nas prensagens em vinil para conter a decadência do mercado causada pela troca de arquivos de áudio pela internet e a queda de vendas dos CDs.

Hoje há selos lá fora que apostam em edições caprichadas (com vinis de 180 gramas) com reedições de bandas lendárias e novos lançamentos.

No Brasil, a volta do vinil deve-se, sobretudo, à paixão de alguns entusiastas que compraram e reativaram a Polysom, única fábrica de vinis existente em toda a américa latina, localizada em Belford Roxo, no Rio de Janeiro.

O que se ouve por aí, tanto aqui quanto no exterior, principalmente nos Estados unidos, é que as vendas de vinis vêm crescendo enquanto as de CDs vêm despencando ladeira abaixo.

Quando surgiu o CD pensávamos que seria mais resistente que o vinil, porém o tempo mostrou o contrário. CDs comprados no início dos anos 90 hoje já não tocam tão bem como tocavam, e eu tenho vinis originais datados da década de 70 que tocam perfeitamente.

Os apaixonados afirmam que nós, humanos, ouvimos analogicamente e não digitalmente. Como o processo do vinil é todo analógico o som seria mais confortável aos nossos ouvidos.

Discussões acaloradas são travadas quando se fala em qualidade de áudio de Vinis e CDs. Esse ponto é um pouco mais complicado, envolve termos técnicos e fatores que variam bastante de caso a caso. Enquanto uns falam que o vinil tem o som mais encorpado, outros dizem que os arquivos digitais têm maior amplitude de frequências.

Na minha modesta opinião, apos incansáveis audições, ainda não consegui eleger o melhor, apesar de me encantar com a qualidade sonora de alguns vinis. Para mim ambos possuem peculiaridades próprias, que quando bem gravados e produzidos, nos dão as mesmas emoções e alegrias.

O fato é que hoje vem se proliferando a fabricação de toca-discos de vinil, inclusive alguns custando verdadeira fortuna. Aliado ao desenvolvimento de equipamentos denominados "Hi End" os toca-discos vêm se tornando parte de destaque nesse novo sistema. Bob Ludwig, engenheiro de masterização que trabalhou com uma grande variedade de artistas como Bruce Springsteen e Nirvana, disse que o CD, apesar de seu áudio limpo, é "magro". Ou seja, uma grande porcentagem da música é jogada fora, em contrapartida o LP mantem todas as nuances da música.

(Saiba como participar na página 2)

"Som é como a água. Analógico é como um vaso com água morna sendo derramado sobre sua cabeça e digital a mesma água, mesmo vaso apenas que nesse caso são cubos de gelo derramados rapidamente..." (Neil Young).

É verdade que o Vinil tem todo um ritual. Olha capa de um lado, vira do outro, tira o disco do plástico, abre o toca-discos e coloca o vinil. Segura a agulha e milimetricamente a coloca sobre o início da primeira faixa. E o som começa. Não há dúvidas que pôr um vinil para tocar tem todo um toque nostálgico.

Praticidade não é para os adoradores do vinil: o que toca aqui é o feeling. "Com o LP, você tem um contato direto com a música, mais físico e mais instintivo", diz o DJ Raffa Alem, que vasculha por sebos e feiras vinis antigos.

Depois de toda essa retórica, malgradas respeitáveis opiniões em contrário, não posso deixar de expressar minha opinião pessoal: o vinil esteve, está e sempre estará em meu coração, acima do apaixonante CD. No entanto, o que importa para todos nós, amantes da boa música, é que o CD não desapareça das prateleiras das lojas, e que o bom e velho LP renasça e nos traga ainda mais emoções, para a felicidade dos melomaníacos como eu.

Carlos Zanini é advogado, formado pela UNISUL, bacharel em Comunicação Social pela UNISINOS, músico, inscrito na Ordem dos Músicos do Brasil. Reside e trabalha em Criciúma.

Literatura | Diana Lopes

DE CATHERINE A CATHERINE

Único e clássico romance de Emily Brontë

Há quem diga que Heathcliff e Catherine possam ser comparados com Romeu e Julieta, o que faz sentido vendo pelo amor que sentiam um pelo outro, mas o modo como se envolvem e como expressam os sentimentos é completamente diferente. Há aqueles para discordar, mas o amor entre as personagens de Emily muito mais profundo do que entre as de Shakespeare, talvez por não ficar tão explícito e ao mesmo tempo dar a ideia de que pertenciam um ao outro. Não se completavam, eram a mesma pessoa.

A estória começa com Sr. Lockwood, que buscava exílio ao hospedar-se na Granja, chegando ao Morro e conhecendo Heathcliff, Cathy, Joseph, Hareton e a pessoa mais próxima de indiferença entre todos, Nelly Dean. Quando Lockwood acaba pegando uma gripe e é recomendado que fique de repouso, pede a Nelly que o faça companhia e lhe conte um pouco da história que envolve a frieza que todos carregam consigo e não se preocupam em esconder.

Nelly narra tudo detalhadamente e, às vezes, mostra seu ponto de vista. Desde o ponto em que Heathcliff foi levado ao Morro por Sr. Earnshaw (ao mesmo tempo em que bem aceito por Catherine, nem um pouco aceito por Hindley, irmão da garota) foi descrito como um cigano de pele escura, possuidor de um olhar sombrio e, na vista de Nelly, um rapaz bonito que não aparenta por não ser bem cuidado. Catherine já se mostra mimada, interesseira e de beleza única.

Com tantas diferentes personalidades envolvidas e um amor tão mais próximo de ser puro ódio, vários estudiosos - ou mesmo apenas leitores curiosos - tentam revelar o "mistério" por trás da obra. Entre a família Earnshaw, moradores do Morro dos Ventos Uivantes, e a família Linton, moradores da Granja dos Tortos, todos expressam uma quantidade absurda de loucura, ódio e paixão. Ao mesmo tempo em que tudo se encaixa perfeitamente e faz sentido, percebe-se sempre que algo não está certo, pode-se até dizer, que está faltando. Até o último ponto final, essa sensação não passa, e apesar de Heathcliff se destacar um pouco mais entre o meio e o fim do livro, Catherine domina a estória do começo ao fim, consegue interferir em todas as personagens, estando viva mesmo após a morte.

Outro ponto interessante a se destacar: normalmente, o cenário é descrito de acordo com o que sentimento que está sendo passado, contudo, Emily não segue essa regra. Em momentos, descreve um lindo cenário de primavera, detalhando as flores nascentes e pássaros cantantes, enquanto (mais) uma tragédia ocorre. Talvez por esse fator o livro se torne tão melancólico.

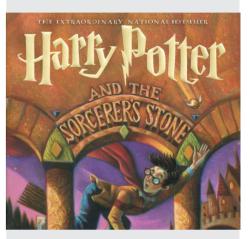
"O povo daqui vive na verdade mais intensamente, mais dentro de si e menos em superficiais, mutáveis e frívolas exterioridades."

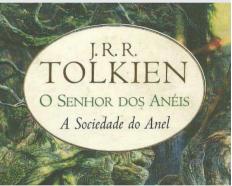
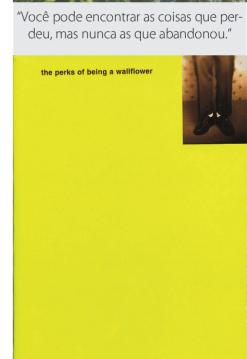
A escrita é relativamente fácil de compreender para um livro lançado em 1847, mesmo que, certas vezes fique um pouco enrolado, a profundidade emocional alcançada nessa leitura é algo incompreensível. Isso é, para aqueles que gostam de um pouco de tristeza romântica. Existem várias possibilidades de conclusão e ninguém nunca irá saber o que a autora pretendia passar, mas as discussões acerca se tornam realmente interessantes. Ainda fica o pensamento de que Catherine e Heathcliff não ficam juntos justamente porque são muito parecidos.

Entre os últimos capítulos, a melhor parte do livro, já com a filha de Catherine (também chamada Catherine, mas sempre referida como Cathy) e sua louca história com Linton/Heathcliff e Hareton. Dá para se dizer que a tristeza se dispersa, embora não seja perdida, nesse momento. Algo que merece destaque é o interessante modo como acaba Heathcliff, assim como Catherine. E como se aprende ao longo do livro, nada que Emily Brontë escreve é por acaso.

Ótimo livro, porém não é recomendado para qualquer um. Conhecimento da língua portuguesa, paciência e muita concentração são necessários.

Mera estudante de terceiro ano, futura artista perdida entre livros, música, tinta, sonhos e gatos.

"No início, o universo foi criado. Isso irritou profundamente muitas pessoas e, no geral, foi encarado como uma péssima ideia."

"Você tem os olhos da sua mãe."

"Você pode encontrar as coisas que perdeu, mas nunca as que abandonou."

"Nós aceitamos o amor que achamos que merecemos."

Tudo outra vez | Elisa Slovinski

TRABALHO: AS OBRIGAÇÕES LHE SUFOCAM?

Descubra quanto vale as suas horas em nome do conforto, do sucesso e da vida boa

Como são os trabalhadores da vida moderna? Nos anos 30, o mestre do cinema mudo, Charles Chaplin, satirizava tanta energia humana, depositada numa linha de produção. Os operários no caminho para a indústria andavam em passos largos para chegar ao trabalho. Em seus postos, repetiam a mesma série de montagem do dia anterior, sob vigia direta, com limite de intervalos, a fim de garantir a produtividade da fábrica. Esta cena em quase nada se assemelha a atualidade, porém foram tempos em que deixaram marcas na mentalidade econômica entre as classes.

Como são os trabalhadores de hoje, neste Dia dedicado a eles – 1º de maio, é a minha tarefa nesta primeira reportagem no jornal A Urbe.

Com certeza, Chaplin foi um visionário sobre o futuro das desigualdades sociais. Passados mais de 80 anos, e a confusão ideológica entre servir e ser servido se mantêm as mesmas. O estilo de vida da contemporaneidade se baseia em: trabalhar, produzir riquezas, receber seu salário, adquirir bens e produtos de consumo.

E novas formas de consumo surgem, constantemente, e com isso, a necessidade de aumentar a folha de pagamento para possuir mais, gerando um estilo de vida dedicado a atender às exigências do mercado. É uma pressão sobre si, a fim de fazer parte deste mundo competitivo, onde sobrevive quem é obediente e capacitado, diz o pedagogo e professor de Ciências Humanas, César L. M. da Fonseca Marques. "O sistema produtivo precisa de quem 'veste a camisa da empresa', seja 'pau para toda obra', ser criativo, proativo, motivado e ter bom relacionamento interpessoal", pondera o estudioso, lamentando o ato não-recíproco por parte do patrão, em grande parcela dos estabelecimentos. Para ele, para todas as partes obterem êxito profissional, além do trabalhador possuir todas estas qualidades, é preciso que a empresa vista a camisa do empregado, sendo criativas e proativas ao pensarem em necessidades reais dos seus colaboradores. "Ao invés de investirem em palestras de motivação, é necessário que os olhem como seres humanos", reflete.

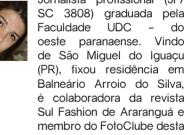
De acordo com pesquisas em escritórios de advocacia de Araranguá, as principais ações judiciais movidas contra empresas dizem respeito às horas extras, no entanto, alguns casos isolados ocorrem com alguma frequência, tais como agressão física, ameaça, perseguição, assédio moral, como revistar ao sair da empresa, ou limitar as idas ao banheiro. Já para o Sitracom – Sindicato dos Comerciários do Vale do Araranguá – as atuais bandeiras trabalhistas referem-se mais à garantia de descanso nos domingos e feriados, um direito que sempre existiu na legislação, mas segundo o Sindicato demorou muito para ser cumprida, efetivamente, pelos contratantes. A luta do sindicato do Vale teve decisão judicial nos municípios que não respeitavam os feriados, sob pena de incidência de multa ao comércio de 9 cidades da AMESC, incluem-se Araranguá, Maracajá, Balneário Gaivota, Meleiro, Praia Grande, Turvo, Sombrio, Balneário Arroio do Silva e Passo de Torres.

O quanto você traz de "lucro" à empresa, em menor tempo possível é o que o difere do seu colega. A expressão 'Tempo é dinheiro', conforme o professor César, transmite bem a lógica mercantil inserida na sociedade após a revolução industrial. Os ponteiros giram rápido, assim como a produção necessita acumular ganhos, gerando diferenças internas e sufocando as boas ideias, como o caso de uma cooperativa competir com grandes casas bancárias.

Mesmo um verniz sob o poder do capital, ainda "enxergamos a sociedade dividida em duas classes", afirma César sobre o modelo produtivo gerar relações de separação e exploração do homem sobre o homem, de maneira apresentada em partes, como algo natural.

Graças a união da classe operária em greves que marcaram a história do país, hoje os direitos trabalhistas são resguardados na lei. Junto a estas grandes rebeliões ficaram marcas do conflito do capital e do trabalho, porquanto é certo um quadro de desequilíbrio entre quem manda e quem obedece. E a melhor forma de melhorar estas relações, de acordo com o estudioso de ciências humanas, é a transformação dos 'corações', uma utopia que merece ser buscada pelo fim da injustiça, violência e exploração.

Caso contrário, o exigente mundo estará criando pessoas movidas a óleo, como a máquina, sem sentimentos, vontades e outros pontos de vista.

Jornalista profissional (JP/SC 3808) graduada pela Faculdade UDC – do oeste paranaense. Vindo de São Miguel do Iguaçu (PR), fixou residência em Balneário Arroio do Silva, é colaboradora da revista Sul Fashion de Araranguá e membro do FotoClube desta cidade.

Artigo | Iris Gonçalves Martins

MINORIAS E ACESSO AO SISTEMA JUDICIÁRIO EM SANTA CATARINA

Que pobres, negras e negros, homoafetivos, indígenas, mulheres e outras minorias têm acesso limitado ao sistema judiciário brasileiro, todos sabemos, mas por que isso acontece?

Não há um motivo único. A relação de motivos é tão grande e abrangente que é impossível abordar todos, por exemplo, você já viu um escritório de advocacia dentro de uma comunidade empobrecida?

E agora, pra ajudar, o Estado de Santa Catarina foi obrigado pelo STJ a implantar a defensoria pública. Decisão que também considerou inconstitucional o sistema anterior de defensoria dativa.

Infelizmente a notícia que tenho é que a criação da defensoria pública em Santa Catarina não vai melhorar essa situação, pelo contrário, vai agravar ainda mais o distanciamento entre as minorias e o sistema judiciário.

E por que dessa afirmação? Vejamos: antes o Estado de Santa Catarina contava com aproximadamente nove mil defensores(as) dativos(as), advogados(as) que prestavam o serviço de defesa de interesse da população de baixa renda através de um convênio firmado entre o Tribunal de Justiça e a OAB.

Para a implementação da defensoria pública, o concurso abriu somente 60 vagas para defensores(as), no entanto, nessa primeira etapa serão nomeados 45, sendo que 15 ficarão na região metropolitana da capital e os outros 30 distribuídos entre as seis principais comarcas do Estado, sendo cinco para cada uma delas.

A disparidade entre esses números chama atenção e é muito preocupante, mas quem ela atinge de verdade? As minorias, sem sombra de dúvidas.

Porque os pobres, que se utilizavam da defensoria anterior, e traziam aos escritórios de defensores dativos, micro-demandas, como por exemplo, um alvará judicial para sacar R$ 148,00, execução de alimentos de parcela mensal de 10% do salário mínimo (R$ 67,50), usucapião de terreno de 98 metros quadrados, ou o caso de uma mulher que desejava se divorciar do esposo que, não poucas vezes, era também seu agressor, terão que se dirigir até a comarca mais próxima de sua residência onde tenha um(a) defensor(a) público(a), pegar uma senha e esperar dias talvez até meses para serem atendidos.

E assim caminha a sociedade: afundando ainda mais o fosso entre pobres e ricos, mulheres e homens, brancos e negros, etc.

IRIS GONÇALVES MARTINS, formada em Direito pela UNISUL de Araranguá e atualmente advogada em São José-SC.

Artigo | Vitor Gomes

EU SOU EU, NÃO VOCÊ!

Da diferença à desigualdade

É fato de que eu não sou igual a você! Sabemos visualmente, entre outras subjetividades, nos diferenciar do João, da Maria, do padeiro e do leiteiro. Isso constitui uma rica diversidade humana, mas também pode levar a relações sociais hierárquicas entre pessoas, constitucionalmente, iguais.

Você leitora e leitor, já pararam para pensar o que lhe faz indivíduo? O que lhe coloca como você e não como o seu amigo ou parente? Como você constrói a sua identidade? A resposta talvez seja mais simples do que possa imaginar, simplesmente nos construímos pensando e identificando aquilo que não somos. A construção do nosso "EU" se dá por uma noção básica de diferenças, nos colocamos enquanto "homem" por existir outro corpo que consideramos "mulher", "negro" por existir "branco", "idoso" pelo "jovem". Desde criança, começamos a perceber, identificar e adjetivar os objetos que nos cercam, procurando enquadrá-los em categorias, muitas vezes em normas culturais pré-existentes.

Nossa condição biológica nos traz diferenças variadas, porém o valor social que atribuímos a cada uma delas acaba gerando o que considero hierarquias simbólicas. Essas categorias criadas acabam por legitimar desigualdades diversas e que hoje presenciamos nas questões de gênero, sexualidade, raça, etnia, classe social – entre tantas outras-, gerando identidades institucionalizadas como padrões e aquilo que desvia desse, será o anormal, o marginalizado socialmente. Via de regra, esses padrões identitários que colocamos como central, são as mais raras exceções encontradas na sociedade e são colocadas principalmente por algumas religiões e pela grande mídia como modelos a serem almejados e alcançados no decorrer da vida. O corpo perfeito, a alma pura, as etiquetas e vestimentas são exemplos do quanto sofremos interferências culturais em nossa construção do "EU". Algo que procuro pensar é até que ponto construo a minha identidade para mim ou formulo um modelo interior simplesmente para me adequar a normatividade social vigente.

QUEM É VOCÊ QUANDO NINGUÉM LHE VÊ?

Com certeza desempenhamos papéis diferentes nos diversos ambientes que passamos – buscando adequação, familiaridade, aconchego como verdadeiros "camaleões sociais". Um fator preocupante nessas repressões que nos autoimpomos é o que chamamos de "armário identitário", onde dentro dele escondemos nossas expressões, nossas ideologias, nossas angústias e nossa alma! Sonho - e luto!- por uma sociedade em que possamos exercer nossa simples existência, onde nossas identidades não sejam julgadas e repreendidas, mas que sejam respeitadas e formem um lindo arco-íris de diversas cores, formas, gostos e desejos!

Vitor de Amorin Gomes Rocho, filho da Magali e atualmente estuda Antropologia na UFSC.

Artigo | Solange Cachoeira

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA

Reconhecer diferenças e superar preconceitos

Não existe um padrão de beleza, assim como, não existe um padrão de pessoas. Somos parecidas, semelhantes, cada um/uma trás sua própria carga genética, suas características e vontades. Não dá para viver no século atual, ainda rotulando e discriminando pessoas. Seja pela religião, cor da pele ou por sua orientação sexual. Sejam quais forem as pessoas, a primeira atitude que devemos ter é amor e respeito.

Ao falarmos em gênero, não estamos falando em macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades, portanto remete às construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito às disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configuração de identidades e definições de papéis. As relações de gênero ainda atribuem relações de poder na sociedade, estabelecendo divisões hierárquicas entre aqueles(as) que são socialmente definidos(as) como homens e mulheres, logo, estabelecendo o que chamamos de disparidade social do sexo.

GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

Não podemos pensar em gênero e diversidade sem a formação de professores(as), isso já está acontecendo, cuja iniciativa se deve à Secretaria de Políticas para as mulheres da Presidência da República e realizada em parceria com Secadf/Mec, a Secretaria de Educação à Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC), a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial da Presidência da República (SPPR) e as Secretaria de Educação dos estados e municípios envolvidos. A entidade executora foi o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CLAM/UERJ), onde foram formados em 2006, 900 profissionais de educação das redes estaduais e municipais de Porto Velho (RO), Salvador (BA), Maringá (PR), Dourados (MS), Niterói e Nova Iguaçu (RJ), que atuam entre 5° ano a 9º ano do ensino fundamental.

O curso foi oferecido para esses profissionais, com objetivo de informá-los sobre as temáticas de gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais, estimulando a reflexão crítica, tendo em vista prepará-los para o enfrentamento da discriminação e do preconceito no ambiente escolar.

Estudos e estatísticas nacionais comprovam que a sociedade brasileira é fortemente discriminatória contra a população negra (negros e pardos), contra mulheres, mulheres lésbicas, gays, bissexuais, trangêneros, travestis e transsexuais (LGBT).

Diante disso, temos que refletir sobre a escola como um dos ambientes de sociabilidade e formação individual em que são produzidos e reproduzidos esses preconceitos e discriminação. Logo, "também há evidências que os agentes de educação reproduzem, em suas práticas, as diversas formas de preconceito e discriminação existentes na sociedade, o que acaba por reforçar e legitimar a exclusão de grupos, cujos padrões (étnico-raciais, de identidade de gênero ou de orientação sexual), não correspondam aos dominantes (CANEN,2001:213)".

Ao encerrar esse texto, cito ainda Sergio Carrara onde diz que "alguns autores e autoras vem mostrando como discursos homofóbicos, misóginos, sexistas e racistas, estão profundamente articulados. Além de relações históricas, há em situações bem cotidianas uma espécie de sinergia entre as atitudes e os discursos opressores. Assim, diferentes desigualdades se sobrepõem e se reforçam".

É pela educação e pelos educadores(as) que teremos realmente como fazer a transformação desta sociedade que vive rotulando, discriminando e que prega "Amai-vos uns aos outros", mas que na prática vive em grande contradição.

Cada vez mais movimentos e políticas públicas surgem para tornar realidade o que diz a Constituição Federal de 1988: TODOS SOMOS IGUAIS PERANTE A LEI.

É arte-educadora, especialista em fundamentos da educação e ex-presidente do Conselho Municipal de Educação de Araranguá.

"As identidades não são inatas, não nascem conosco, precisam de ser construídas e esta construção passa pela interação com o outro, pois só a interação social permite viver em sociedade." (Richard Jenkins, 1996)

Artigo | José Pacheco

CEGUEIRA BRANCA

A Secretária Municipal não sabe muito como proceder, por ser nova no cargo. E, com a mudança de governo, quase toda a informação da Secretaria foi apagada – Eis que o pesadelo regressa: a secretaria mudou de dono, precisa mostrar serviço, suspende os projetos herdados da gestão anterior. De quatro em quatro anos, sem qualquer avaliação, o gesto de desperdício se repete. Será por ignorância? Mas por que se coloca secretarias de educação nas mãos de gente ignorante? Estou inclinado a acreditar que se trate de cegueira branca (expressão criada por Saramago) aquilo que impede os detentores do poder de reconhecer os trágicos efeitos de uma escola que consome avultados recursos, produz trinta milhões de analfabetos e aspira a um mítico (e mísero) IDEB 6… em 2021.

No seu livro "Um mundo, uma escola", o analista financeiro americano Salman Khan – que foi recebido pela Presidência da República e tratado como vedeta da educação – é um acérrimo crítico da velha escola (que ele designa de "prussiana"). Convida-nos a acabar com a escola de sala de aula com professor isolado, turma, série, prova. Porém, um sistema educativo nas mãos de burocratas ignorantes do que seja pedagogia, exerce seus podres poderes, impondo às escolas procedimentos medievais, num tempo da introdução acrítica de novas tecnologias. E, talvez afetados pela mesma cegueira branca de que padecem os seus "superiores", os professores que adotam os vídeos do Khan continuam a manter sala de aula, turma, série, prova… Usam os vídeos do Khan como complemento de aula, mas mantêm as práticas que ele critica.

Voltemos à leitura do livro do Khan (os professores o terão lido?): Ainda temos escolas ruins e um sistema corrupto e arruinado, sempre houve resistência dos administradores e burocratas. Burocratas e organizações ainda parecem ter uma aversão natural a novas ideias e abordagens.

Os sistemas burocráticos alienam finalidades, sacrificando-as à estatística e à uniformização. Degradam relações, impedem a autonomia das escolas e de um digno exercício da profissão de professor. O burocrata padece da cegueira branca da obediência a normas, desprezando a realidade, quando está em conflito com elas. Como diria um amigo gestor, seu objetivo maior é encontrar problemas e motivos para paralisar ou adiar processos. O burocrata da educação tem pavor da mudança, desconfia de qualquer iniciativa que saia da rotina, quer ter domínio de tudo e, dado que isso é impossível, as coisas simplesmente não andam. Sua primeira resposta é não, sua primeira atitude é de resistência. Ama fazer relatórios volumosos, recheados de gráficos, figuras e tabelas e encaderná-lo, para arquivá-lo no arquivo morto.

Deixo-vos com palavras atuais, escritas pelo saudoso Mestre Lauro, há cinquenta anos atrás: A máquina burocrática jamais indaga de razões pedagógicas, preocupando-a apenas se a linha de produção funciona segundo critérios legais e contábeis. Se um reformulador ousado eliminasse das escolas a diretoria e a secretaria, o sistema escolar ganharia dinamismo, autenticidade e alta criatividade, repondo o educando nas mãos do educador. Os professores queixam-se: se não seguirmos os regulamentos, seremos demitidos (e os regulamentos são polivalentes e minuciosos, vigiados por imensa récua de burocratas ciosos).

A boa notícia é a de que ainda há quem resista, quem aja e creia que algo vai mudar. E eu tenho fé naqueles que têm fé…

O Renascer da Liberdade | Lilian Berdusco

A FLOR E A NÁUSEA

Qual o cidadão de bem que na posição de aluno, professor ou pai nunca questionou as bases da educação atual? Quem nunca sentiu-se desmotivado com os ensinamentos desvinculados da realidade? Qual aluno nunca sentiu-se revoltado com as normas escolares que calam suas bocas e cegam seus instintos?

Reparem a estranheza das escolas: uniformes que anulam o direito à individualidade juvenil, conhecimentos organizados em disciplinas estanques e descontextualizadas do cotidiano, fileiras que limitam o horizonte das crianças à cabeça do amigo de classe, avaliações sistemáticas que os rotulam e classificam, cultura de exaltação ou punição com base nas médias, amigos que aprendem a competir, invejar, rotular, valores humanos substituídos pelo ritmo enlouquecedor de planos escolares que nada compreendem das múltiplas realidades. Uma verdadeira aberração a qual nos sujeitamos e sujeitamos os nossos por muitos e muitos anos. Um modelo de educação que não ensina a pensar, criar, planejar, que não humaniza. Um modelo pautado no desejo egoísta de alienar a sociedade, privá-los do direito à liberdade, domesticá-los para que não sejam capazes de combater as injustiças, para que reconheçam no Estado a fonte primeira de seus males, para que nunca tomem da mão de seu senhor o chicote, e o açoite em revolta aos séculos de opressão!

Imagine o quão belo seria ver nossos filhos trilharem o caminho da liberdade, autonomia, solidariedade, compreensão e acima de tudo: relações com o ambiente e com humanos! Vendo seus educadores como companheiros de jornada e não meras representações de angústias, medo e doutrina.

Esses sonhos, partilhados por muitos e transformados em ação, vem, pouco a pouco restabelecendo uma relação de pertencimento mútuo com a sociedade! As ações educadoras sufocadas e desmoralizadas pelo Estado entre os anos 10 e 60 servem de exemplo e inspiração para as ações geradas em nosso tempo. Escolas livres, autônomas, experiências democráticas, libertárias em ecovilas ou centros urbanos, aos poucos ganham força, nome e adesão da massa. Aos poucos rompem com "o tédio, o nojo e o ódio" da educação antiquada vivida nas escolas.

Escolas como a Escola da Ponte, Amorim Lima, Projeto Âncora, Politeia, Casa do Zezinho (apenas para citar algumas dentre tantas iniciativas!) rompem com o tédio da educação brasileira que oprime, e nos prova cotidianamente que é possível educar em liberdade e que apenas ela, essa menina de olhos brilhantes, é capaz de educar!

> "Todos os homens voltam para casa. Estão menos livres, mas levam jornais e soletram o mundo, sabendo que o perdem"
>
> **A Flor e a Náusea. Carlos Drummond de Andrade**

> "Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres!"
>
> ***Rosa Luxemburgo***

José Pacheco é educador, fundador da Escola da Ponte, em Portugal. Anima o Projeto Âncora, em Cotia-SP e viaja pelo Brasil como consultor em Educação Democrática.

Nasceu em 1987 na periferia de São Paulo, próximo à Taboão da Serra. Graduou-se em pedagogia em 2011. Dedica seus estudos à anarquista e educação libertária desde 2010 e em 2012 tornou-se integrante ativa do grupo libertário Coolmeia – Ideias em Cooperação.

Artigo | Joel Grigolo

O QUE TEM DENTRO DA CAIXA PRETA

Em março deste ano a revista/site "Wired" publicou um artigo de Mike Mika, nos contando a sua saga de hackear o clássico jogo "Donkey Kong".

Todo o trabalho se resumia em adicionar uma funcionalidade nova ao jogo: permitir que a Princesa pudesse ser controlada pelo jogador para salvar o Mário. Simples assim, inverter os papéis: que a menina pudesse salvar o menino.

A motivação por detrás deste trabalho de Mike era atender o desejo de sua filha de 3 anos, apaixonada, já nesta idade, por games. Ela queria, como toda princesa, se heroína da estória e não deixar seu destino nas mãos de um menino.

Como Mike e sua filha, estamos rodeados de produtos e serviços que não necessariamente atendem ao nosso desejo ou necessidade. São produtos voltados para "nichos" de mercado ou para a média das necessidades de "consumidores médios".

São produtos duros, incapazes de se adaptarem. São caixas pretas, as quais não sabemos o que há lá dentro e nem como funcionam.

Um ótimo exemplo disse é a sua impressora jato de tinta. Sabia que ela já sai de fábrica com o seu tempo de vida decretado? Em seu circuito lógico existe um contador, ele vai somando todas as vezes que a impressora executa uma limpeza de cabeçote ou imprime uma página. Ao chegar a um determinado número ela para de funcionar, te informa um código de erro e manda – é, manda mesmo – procurar a assistência técnica. Lá você descobre que o custo de destravar a impressora e trocar o reservatório de tinta custa mais da metade do preço de uma impressora nova!

Além disso: não te irrita não poder imprimir quando tem tinta em todos os cartuchos, menos em um? Por quê a falta de tinta amarela me impede de imprimir em preto? Afinal de contas a quem interessa uma impressora assim? Já se perguntou se a impressora é sua mesmo, ou você apenas usa ela? Afinal por que as fábricas nos chamam de usuários ao invés de proprietários?

Você provavelmente acharia um absurdo comprar uma calça e não poder fazer a bainha para adaptá-la ao seu corpo. Mas você já pensou se sua impressora se adaptou ao uso que você gostaria de dar à ela? Ou foi você que se adaptou com as possibilidades que sua impressora lhe proporciona? Ambas são suas não, a calça e a impressora? Ou não são?

Da mesma forma as outras "ferramentas" que nos rodeiam no dia à dia, do seu carro ao seu computador, passando por sua geladeira, TV, telefone, fogão, etc. são caixinhas pretas que sabemos apenas usar e que ao invés de adaptá-las a nossa necessidade, nos adaptamos à elas.

No Natal passado, 2012, minha esposa inventou uma nova regra: só trocaríamos presentes entre nós e o resto da família que fossem artesanais, ou produzidos por nós mesmos ou comprados da rede local de artesãos. Meu filho não gostou muito da idéia, já prevendo um presente "não eletrônico".

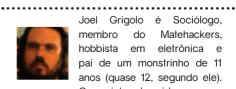
Como Mike eu tinha o mesmo desafio, atender à um desejo do meu filho. Só que ao invés de trabalhar apenas com o software eu tinha também que solucionar

o problema do hardware. Uma rápida pesquisa na internet me apresentou um projeto interessante e simples, poucas peças, baixo custo e bem documentado. Era um projeto livre, livre no sentido de que tudo o que eu precisaria para construí-lo estava disponível para download. E melhor ainda tambem era livre no sentido de eu poder modificá-lo como quizesse! Perfeito! Simplifiquei o projeto mais ainda, limpei muita coisa e mãos à obra.

Em 15 dias depois de juntar todas as peças construí meu primeiro videogame artesanal. O prazer de ver a tela preto e branca e os blips característicos dos saudosos telejogos de 8 bits - eu sei, eu sei, sou velho.

Como fui eu que o modifiquei e construí, de lá prá cá ele já sofreu muitas alterações, ganhou admiradores, uma nova versão e principalmente colaboradores, que o mantém sempre com uma novidade ou um jogo novo. Já apareceu na televisão e vai ser a estrela principal de um evento aqui em Porto Alegre, onde jogaremos "Space Invaders" na lateral de um prédio em uma lúdica intervenção urbana.

Diferente da minha - e da sua - impressora esse videogame não vem com a sua certidão de óbito já preenchida, ele não possui usuários: possui donos e muitos!

Ele é "Open Hardware" ou hardware aberto, como preferir, apesar de estar montado em uma pequenina caixa preta ele não tem nada a esconder.

Joel Grigolo é Sociólogo, membro do Matehackers, hobbista em eletrônica e pai de um monstrinho de 11 anos (quase 12, segundo ele). O projeto do videogame e maiores informações podem ser encontrados a área de projetos do site: matehackers.org

Comunicação e Mídia Livre | Vertov

BEM-VINDOS AO MUNDO LIVRE

É muito simples perceber que o mundo está diferente, o nosso planeta está cada vez menor e por isso podemos sentir nos ossos a Aceleração do Tempo Histórico. Mas afinal, o que é o tempo? "O tempo é movimento", Aristóteles dizia que o tempo é a contagem do movimento em relação a uma fase anterior ou posterior do movimento enquanto numeráveis. Portanto, o tempo é mudança. É impossível entender o tempo sem conceber o significado de mudança, e este é justamente o ponto. Mudanças são rupturas que podem ser percebidas e assim temos a aceleração do tempo, ao contrário disso, o tempo seria apenas fluidez, lento e bucólico.

Para entendermos na prática este conceito podemos recorrer ao início de nossa Era, no Império Romano. Imagine o tempo necessário para uma mensagem chegar de Roma até Alexandria? Semanas, meses ou anos? E se nos dias de hoje você precisar de informações sobre o que está acontecendo em Roma? Sim! O mundo ficou menor, em segundos você consegue completar uma ligação telefônica para a Cidade Eterna. Com os pés em cima do sofá as imagens chegam em tempo real, ao vivo! E claro, temos a Internet, os SMS's e tantos outros recursos. Agora pare, volte no tempo 20, ou 30 anos e poderemos perceber que há pouco tempo as mensagens não eram tão simples para unir emissor e receptor. Para atravessar o globo terrestre você precisaria de utilizar um telégrafo, um rádio PY ou uma péssima ligação telefônica para receber as notícias de Roma.

Agora que Isaac Newton e tantas outras pessoas já colocaram o combustível para fazer as mensagens, a comunicação e o conhecimento acelerarem, é hora de compreendermos essas mudanças como parte de nosso cotidiano e utilizarmos esses recursos incríveis para tornar nossas experiências em comunidade mais próximas, trocar informações, divulgar nossas formas de organização e nos apropriarmos dos meios parar tornar a mensagem mais importante do que o canal por onde foi transmitida. Você pode estar lendo este texto na primeira edição impressa do Jornal Urbe de Araranguá (SC), no Facebook, no website do Centro de Mídia Independente, em um blog, e-mail, ou ouvindo através de algum programa de rádio. Mas faço votos que alguém esteja fazendo uma leitura apaixonada para você. E com isso temos um mundo novo para desbravar, onde a tecnologia é um meio bacana e importante, mas o que temos à dizer e compartilhar é mais importante que isso.

Este é o mundo livre! Um lugar onde a informação e o conhecimento possa ser de todas as pessoas, onde os resultados da utilização desses conjuntos de dados e histórias possam ser úteis para todas as pessoas, sem exceções. Podemos chamar essas trocas livres, abertas e disponíveis de cultura de código livre, criação comum, licenciamento comunitário, colaboração, co-criação, bem comum e tantos outros termos, mas o mais importe é que possamos entender essas realidades como o nosso presente e uma ponte magnífica para o futuro. O nosso futuro!

Estique os braços e diga: Bem-vindo!

Vertov é voluntário em redes de comunicação livre, independentes e libertárias.
http://we.riseup.net/vertov
vertov@riseup.net

Ombudsman | Werther Serralheiro

MAIS DO QUE SIMPLESMENTE OMBUDSMAN

A Urbe veio com uma proposta alternativa à imprensa comumente instalada em nossa sociedade – ser desvinculada de qualquer posição político-partidária ou econômica que venha a distorcer o papel social no qual o jornal irá atual. Uma mídia independente e democrática. Sinceramente, Araranguá estava precisando de um jornal realmente impessoal, sem censura e com um enfoque popular!

Neste novo modelo, é primordial que o jornal proporcione um espaço aberto e amplo para a participação popular. Afinal, nossos colaboradores periódicos e esporádicos irão exprimir opiniões próprias ou de grupos sociais que, naturalmente, irão provocar questionamentos e críticas de nossos leitores.

Esta pegada democrática e geradora de debates do jornal A Urbe está presente em nossa linha editorial, mas tem que estar atuante em algum espaço dentro do próprio jornal. Esta coluna será o espaço.

Em alguns meios de comunicação existe a figura do Ombudsman. A palavra vem do sueco e significa 'representante do cidadão'. No meio jornalístico, esta palavra designa a pessoa que é responsável por representar o leitor dentro do jornal, conectando seus colaboradores ao leitor e promovendo o debate.

A Folha de São Paulo foi o primeiro jornal no Brasil a ter um Ombudsman. Ele é contratado, tem estabilidade durante o mandato de um ano e sua sala é colocada distante da redação do jornal para manter sua independência. Como é um veículo de mídia comercial e claramente parcial em sua linha editorial, o Ombudsman da Folha não passa de um profissional que recebe, investiga e encaminha as queixas dos leitores através de sua coluna.

Como um jornal que deseja ser democrático e popular, o papel do Ombudsman n'A Urbe deverá ter uma atuação mais ampla. Ele receberá as críticas, opiniões e sugestões dos leitores e, mais além, promoverá o debate!

O Ombudsman é um 'cargo' a ser renovado periodicamente e democraticamente dentro d'A Urbe. Nesta Edição Zero e pelo menos nas próximas seis edições, eu ocuparei esta função no jornal procurando sempre ouvir os leitores de forma ativa. Além de simplesmente ler e-mails, eu irei às ruas, nos espaços populares, nas lideranças comunitárias para entender a penetração e o impacto de nosso jornal em Araranguá.

A Urbe é um veículo novo que, apesar de ter sua carta de princípios bem definida, ainda não é e está longe de ser um jornal popular e democrático. Ele o é em desejo de seus colaboradores, mas ainda não é de fato por ainda ser escrito apenas por um pequeno grupo de pessoas. Só o será se a participação popular for ativa, e o papel do Ombudsman, principalmente neste início da trajetória do jornal, é de levar o que motivou a criação do jornal se tornar um fato. Por isto, este colunista se sente responsável num papel muito mais além do que simplesmente um Ombudsman.

Fica aqui então o meu abraço ao leitor, nosso parceiro na construção de um grande jornal para Araranguá.

Morador da Coloninha, professor do Instituto Federal de Santa Catarina e membro das redes APonte!, Mobiliza Araranguá e Coolmeia. | fale@aurbe.net

A URBE | Elisa Slovinski

PÉS NA COMUNIDADE

O jornal A Urbe não teria motivo de existir sem a palavra de quem deveria mais ter voz: o Povo. Iniciamos a edição Zero conhecendo in loco as queixas ou contentamentos dos moradores da Cohab nova – bairro de Araranguá em que residem 50 famílias.

Trabalhadores, jovens e comerciantes ilustraram como andam as condições básicas da comunidade.

Para os moradores Sérgio e Delécio falta terminar os outros km de asfalto da rua principal, a Girassol. Eles questionam a grande poeira que invadem as casas deles, diariamente, afetando crianças com asma e pessoas com problemas pulmonares. Outro grande problema levantado é a rede de esgoto e a falta de tubulação para escoar a água, pois em dias de chuva piora muito a situação de tráfego a pé ou de carro.

Eles ainda relataram a obra de uma creche parada desde a administração passada. Seria o primeiro centro infantil a ser conquistado pelo bairro próximo, no Arapongas, enquanto isso, as mães que não conseguem vagas na escolas da Coloninha ou do centro, não podem trabalhar, de acordo com os populares.

Já para Ranieri e Suelen a comunidade além de carente, esteve ameaçada pelo tráfico de drogas, segundo eles a Polícia civil deu resposta satisfatória a este problema social, nas últimas semanas.

O descontentamento unânime dos moradores conversados é a falta de cuidado com o local, por parte até mesmo de outros habitantes, onde a proliferação de moscas e o mau cheiro são resultado da grande quantidade de cachorros e cavalos nas casas da redondeza.

A união para obterem o mínimo de lazer é sentida na organização comunitária, através de associação do bairro vizinho, a Coloninha, junto a Cohab e adjacentes, que contribuem com o que podem para desfrutarem do campo de futebol, finalizado há menos de um mês. Agora esperam usufruir deste espaço com dignidade, por isso esperam mais apoio do município com o esporte amador, uma das poucas formas de integração entre os bairros.

PARA FALAR COM O OMBUDSMAN:

O Ombudsman é o canal de comunicação entre o leitor e o jornal. Críticas, sugestões e debates com os colunistas, envie um e-mail para

fale@aurbe.net

PARA PARTICIPAR DO ESTAMOS ATENTOS:

Se você, morador de Araranguá, deseja denunciar descuidos com algo que é público, de todos, envie uma foto e um texto para nossa próxima edição.

estamosatentos@aurbe.net

“Sinto falta de um verde...

Sinto falta de uma sombra...

Sinto falta de um dedo na consciência dos homens…”

Era uma vez uma árvore.

Rafael Reinehr

ESTAMOS ATENTOS!

No ano passado, exatamente no dia 1° de Maio de 2012, o Fotoclube Araranguá realizou sua primeira Saída Fotográfica (um encontro de pessoas para caminhares e fotografarem juntas) com uma proposta instigante: fotografar o que machucava os olhos de quem caminha pelo centro de Araranguá.

O ensaio foi chamado de “O que te incomoda”, e pode ser visto na íntegra no endereço http://bit.ly/oqueteincomoda

Agora, queremos abrir espaço para todo cidadão da cidade que esteja de olho aberto aos problemas, descuidos, deslizes (e porque não às boas práticas e melhorias) que acontecem na cidade, que compartilhe com toda a cidade a sua visão, enviando-nos uma foto de algo que tenha lhe chamado a atenção.

Para participar da próxima edição, envie uma foto para estamosatentos@aurbe.net

Veja algumas fotos que fotógrafos amadores e profissionais fizeram do centro da nossa cidade em maio do ano passado, e depois pense consigo mesmo: estamos melhorando?

“Só não é bem cuidado pois não tem bicicletas para utilizá-los.” Luany Reinehr

“Me incomoda viver em uma cidade que ainda não implementou, de forma efetiva, um sistema público de coleta seletiva de lixo, tampouco educa de forma intensiva sua população para o valor da seleção do lixo sólido.” - Rafael Reinehr

“Goteira causada por instalação improvisada (gambiarra) causa desperdício de água... isso me incomoda, e a você?” - Werther Serralheiro

“Meio fio destruído” - Douglas Mello

“Aquilo que era pra estar de pé, está ai, jogado.” Gabriel Biff

Apresenta:

Ciclo de Filmes

SEMANA DO TRABALHADOR

qua 01/MAI – 19h **A classe operária vai ao paraíso**

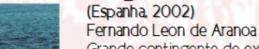
(Italia, 1971)
Elio Petri
Subir na carreira, garantir o básico daquilo que se pode consumir e almejar pequenas tentações da sociedade de consumo ou arriscar-se na luta por um mundo sem desigualdade social? Este é o dilema da classe operária retratada neste filme.

qui 02/MAI – 19h **O Germinal**

(França, 1993)
Claude Berri
Num cenário extrema miséria econômica e degradação humana, o filme relata a realidade dos operários franceses nas minas de carvão, no final do século XIX. Um "Soco no estômago"!

sex 03/MAI – 19h **Tempos Modernos**

(EUA, 1936)
Charles Chaplin
Um clássico do tema do trabalho, o filme retrata a história de um operário, que ao conseguir emprego numa grande indústria, transforma-se em líder grevista, e é perseguido por suas idéias "subversivas". O filme trata também das desigualdades entre a vida dos pobres e das camadas mais abastadas.

sab 04/MAI – 19h **Segunda Feira ao Sol**

(Espanha, 2002)
Fernando Leon de Aranoa
Grande contingente de ex-operários, vítimas da globalização do capital e das mutações do capitalismo global, viram-se obrigados a buscar inserções precárias no mercado de trabalho no crescente setor de serviços.

Local: Galpão Cultural (RuaTurvo, 315 – Urussanguinha)

Entrada Franca

Realização: